

**Carla Regina Silva**  
Universidade Federal de  
São Carlos  
São Carlos, SP, Brasil

## AS MÁSCARAS EM UM MUNDO DISTÓPICO

### THE MASKS IN A DYSTOPIC WORLD

#### RESUMO

As imagens das capas foram produzidas a partir de reflexões e vivências dados os contextos e cotidianos pandêmicos que experimentamos globalmente como seres humanos. A pergunta que nos suleia é ‘o que podemos aprender com a pandemia?’ De um lado nossa ganância, arrogância e cegueira podem nos impedir de perceber novos despertares. De outro, para quem ainda é capaz de acreditar nas utopias, essa experiência pode ampliar a consciência sobre quem sou eu no mundo e qual a minha responsabilidade perante a humanidade. Assim, as máscaras de um mundo distópico podem ser uma grande marca para quem costuma ‘esperançar’.

**Palavras-chave:** pandemia; arte; transformação social.

#### ABSTRACT

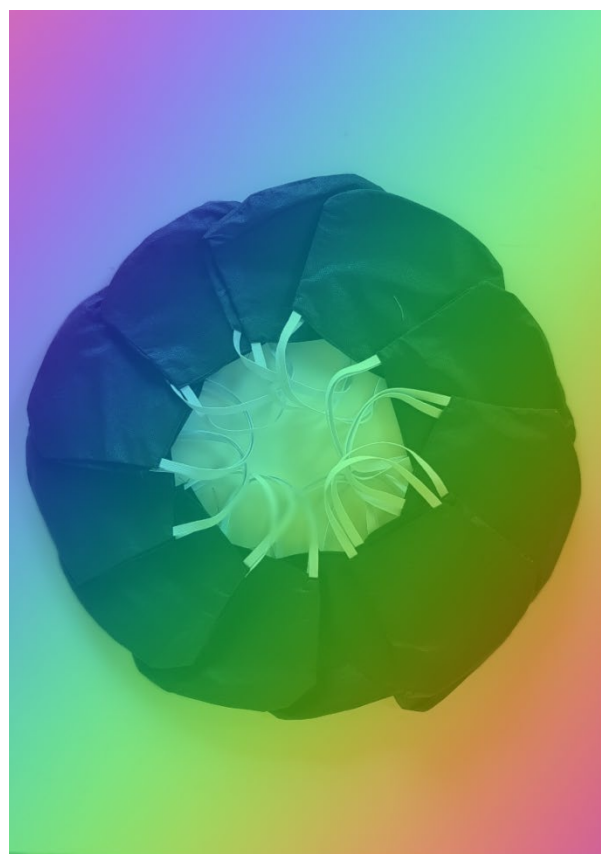
The cover images were produced from reflections and experiences given in the pandemic contexts and daily lives that we experience globally as human beings. The question guides is ‘what can we learn from the pandemic?’ On the one hand, our greed, arrogance and blindness can prevent us from perceiving awakenings. On the other hand, for who are still able to believe in utopias, this experience can increase consciousness of who I am in the world and what is my responsibility to humanity. Thus, the masks of a dystopian world can be a great mark for those who are used to 'having hope'.

**Keywords:** pandemic; art; social transformation

Recebido: 14/12/2020 / Aprovado: 21/12/2020

Como citar: SILVA, Carla Regina. As Máscaras em um Mundo Distópico. Revista GEMInIS, v. 11, n. 2, p. 5-10, mai./ago. 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.



Imagens que serão utilizadas para as capas das duas edições do *Dossiê - Redes de Comunicação e Narrativas em Saúde*

**P**or mais intensa que seja a busca por compreensões sobre a realidade, não somos capazes de apreendê-la por completo. Toda construção sobre conhecimentos, saberes, reflexões e indagações geradas e apagadas ao longo da história da humanidade para que pudéssemos compreender ou empreender o mundo que nos rodeia, ainda nos parece insuficiente. Mesmo considerando ainda todo avanço científico e tecnológico produzido, toda transformação informacional, comunicacional que alterou definitivamente como nos relacionamos e vivemos.

O medo do desconhecido ainda nos assombra, tal como o “bicho papão” assusta as crianças em plena fase do faz de conta, da fantasia, da criação e enunciação de tantos mundos imaginários incríveis e tantas vezes assustadores. Talvez seja por isso que o Mito da Caverna de Platão esteja ainda tão presente e ainda faça tanto sentido (Platão, 1997).

Somos seres humanos que se encontram em total dependência desde o momento em que estamos sendo gestados, mas que acreditamos em nosso completo isolamento. Somos seres carentes em todos ciclos, cursos e dimensões da vida, mas acreditamos em nossa autossuficiência. Somos seres buscando ser preenchidos a todo tempo, procurando demasiadamente fora, sem se dar conta da busca

insignificante se não buscamos dentro e reconhecemos a nós mesmos, como parte de um todo. Somos seres que criamos inúmeras formas de nos comunicar e criar relações, mas muitas vezes não estamos conectados com o que vale a pena; e isso é totalmente necessário para se sentir vivo e poder oferecer sentido e significado a esta experiência tão única.

A pandemia da COVID-19 (PAHO, OMS, 2020), como um fenômeno mundial que atravessou fronteiras, culturas, barreiras físicas e simbólicas próprias de nossos cotidianos modernos, trata-se de uma experiência global marcante sobre a fragilidade humana e os modos de ser-estar neste mundo e de lidar com a vida na Terra.

Vivemos tempos contraditórios, incoerentes, de muitos avanços, respostas, transformações, relações, encurtamos o tempo e o espaço, mas continuamos demasiadamente produzindo desigualdade, exclusão, violação, ódio e ignorância.

De um lado somos tão poderosos, invencíveis, somos tão numerosos que achamos que criamos tudo o que existe ao nosso redor, até mesmo o que estava por aqui há muito mais tempo que nossa própria existência seria capaz de calcular com precisão.

Buscas individuais do que jamais poderíamos sentir-pensar-ser sozinhos, despregues - rupturas com o cordão umbilical que te tornas e te mantém vivo e interdepende, no tempo e espaço que habitas.

Alteramos tanto, e sem qualquer constrangimento, que temos o aquecimento global anunciando a catástrofe que estamos galgando, ainda assim, somos insignificantes ao processo, descrentes, ignorantes, raivosos ou ainda, totalmente absortos para gerar qualquer reação ou alteração dessa realidade.

Essa onipotência ou “homi-potência”, ou seja, a ilusão de que o ser humano é capaz e dono de tudo, tem produzido seu próprio fim. Considerando que este ‘ser humano universal’ tem raça, cor, etnia, classe social, gênero, entre tantos outros atributos dominantes que poderia listar. Essa lógica de hierarquizar, classificar, racializar, generificar estratificou a vida na Terra. Sabemos que algumas vidas valem muito mais que outras, sabemos que determinados saberes, regras, leis, políticas e direitos servem para uma minoria, sabemos que as ocupações no mundo são seccionadas a depender de quem as realiza, sabemos que algumas vezes possuem muito mais alcance, eco e poder que outras, essas outras são aquelas que podem ser esquecidas, invisibilizadas, depreciadas e mortas.

A morte é um processo natural da vida, mas naturalizamos as mortes que produzimos - todas - as mortes por fome, pobreza, por insuficiência do mínimo para a vida, por guerras, violências e violações, aquelas por bala perdida, por descaso e aquelas endossadas como política de Estado, pela

necropolítica (Mbembe, 2018), aquelas por falta de esperança e pela dor, aquela inclusive que identificamos através de sintomas, classificações e diagnósticos.

Então, o que podemos aprender com a pandemia? De um lado poderia simplesmente dizer: – nada, continuaremos trilhando nosso caminho, com todas as inseguranças e ganancias para quem sabe, acelerar nosso futuro, quem sabe, mais ou menos catastrófico. Continuaremos a cultivar nossas invioláveis bolhas, aquela que construímos a partir da nossa permanente necessidade de pertencimento, que preenchemos de rotinas aceleradas, de falta de tempo – t e m p o v i d a – de inúmerastarefasintermináveisquenosdeixamsemar (tem que ler sem espaços mesmo para podermos reproduzir a sensação de esgotamento), aquelas em que novas ideias só entram se forem um pouco mais daquelas que eu já tenho, já sei, já domino, “aliás quer que eu te explique como é?”

Por outro lado, a pandemia pode deixar um grande legado, afinal foram inúmeras experiências que nos fizeram deslocar, rever, transitar, aprender, ou seja, fomos necessariamente levados a percorrer caminhos e experiências que não foram escolhidos ou definidos por nós, aliás nos levaram a entender que poder escolher e definir algo na vida é uma experiência muito especial e que nos acontece muito raramente.

Essa realidade nos apresentou uma fragilidade ainda mais evidente daquela que podemos suportar, mas que nos está exposta cotidianamente. Tivemos que lidar com o luto, com a dor, com a perda de pessoas muito próximas e de pessoas desconhecidas. Impossível não se emocionar em ver e escutar os profissionais se arriscando para cuidar, para poder exercer suas funções e capacidades laborais de estar com o outro, mesmo em situações tão adversas, mesmo com todo medo, desconhecimento, falta de apoio, reconhecimento, infraestrutura e investimento.

Neste sentido, evidencio a máscara como símbolo de nossa existência em 2020. Afinal, o que mais esse ‘equipamento de proteção individual’ pode nos revelar, para além das orientações de proteção sanitária?

Descobrimos novas formas de usar as máscaras. Inicialmente ainda como tema polêmico, é melhor usar ou não usar, depois de um tempo torna-se um complemento básico a qualquer ocasião. Ela foi produzida em escala industrial ou artesanal, de forma sustentável aproveitando uma meia ou camiseta ou utilizando tecido com tecnologia inovadora contra o coronavírus, eram de plástico, tecido, até tecido-não-tecido, algumas de papel outras com cristais *swarovski*.

Realmente conseguimos inovar nos seus usos, infelizmente a maioria deles de forma incorreta. Muitas vezes ela foi considerada como escudo ou algum acessório de super herói, objeto de fé, simpatia, afinal basta estar com ela e ‘tudo está a salvo’, mesmo se ela estivesse no bolso. Para os descrentes da ciência e da própria vida, o tom profético foi ‘não importa se vai usar ou não a



máscara ‘Você vai pegar o coronavírus’. Ainda tinha aquele que achou que fazia tudo certo, afinal usava máscara até para lavar cada ovo que chegava do supermercado, ‘mas o errado mesmo era o vizinho’ que não estava cuidando bem de sua quarentena, mas claro o vizinho esbravejava o mesmo dele.

As máscaras também foram um símbolo de solidariedade, afinal tivemos um número incontável de pessoas que se dedicaram a desenhar modelos, costurar, produzir e ensinar a fazer máscaras. Grupos em diversas partes do país produzindo para doar e ajudar, para poder fazer algo já que era o que se podia fazer. Elas foram entregues por correio, carros, a pé e até em árvores, muitas delas com mensagens de esperança e com os melhores desejos de ‘fique bem’, buscas pela própria redenção e o reacender de nossas confianças.

Então apesar de tantas distrações a pergunta que fica é - **Quem seremos nós depois de poder retirar as máscaras para estar com o outro? Quem queremos ser depois desta vivência? Quem queremos nos revelar neste próximo encontro consigo mesmo e com o outro?**

Por isso, a outra perspectiva sobre o que podemos aprender com a pandemia que gostaria de ressaltar, para quem ainda é capaz em sonhar, de acreditar nas utopias, é que a pandemia pode ter despertado para aprendizados, transformações, desvelos e repensares sobre quem sou eu no mundo e qual é a minha responsabilidade nesta construção possível de humanidade, encarando o que somos, como somos e também no que podemos nos tornar.

Sem máscaras, o que faremos com as crises constantes do sistema? O que faremos com as demandas ainda mais severas das exclusões, desigualdades e concentração de riquezas, com as injustiças, violações? O que faremos para que vidas pretas, indígenas, de mulheres, deficientes e LGBTQI+ importem? O que faremos com as políticas sociais, com sistemas de saúde, proteção social, educação, cultura? Qual é o nosso papel nas relações da comunicação e da informação que tem produzido ainda mais sofrimentos, transtornos mentais, violências e desestabilizando democracias em todo mundo?

As máscaras de um mundo distópico serão uma grande marca para quem costuma ‘esperançar’. Como nos ensina Freire (1992), necessitamos da esperança como um peixe de água limpa. Mas que fique claro, não há esperança na pura espera, na imobilidade e na paralisia, o esperançar é necessariamente gerador de uma realidade distinta.

Assim, que possamos honrar quem perdemos, abandonar as máscaras que não nos cabem, encarar nossas verdades e realidades e seguir em coletivo e em real conexão, pois há muito que fazer e transformar!

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PAHO. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 11 de março de 2020b. Disponível em:  
<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)>

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

### Informações sobre o Artigo

**Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:** não se aplica.

**Fontes de financiamento:** não se aplica.

**Apresentação anterior:** não se aplica.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** não se aplica.

### Carla Regina Silva

Terapeuta Ocupacional, Mestre e Doutora em Educação, Pós-graduação em Gestão Cultural e em Saúde Mental Infantojuvenil. Pós doutorado em Universitat Central de Catalunya Vic – Espanha. Atualmente é docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (São Carlos – Brasil). Coordenadora do grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, trabalha com cultura, direitos a partir de perspectiva crítica decolonial.

**E-mail:** <carlars@ufscar.br>

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-7079-8340>